



A história de um amor proibido  
numa Itália assombrada pela guerra.

# Procura-me Quando a Guerra Acabar

Amy Harmon

TOP  
SEL  
LER

Para o verdadeiro rabino Nathan Cassuto.  
Não tenho palavras, só admiração.

# PRÓLOGO

24 DE MARÇO DE 1944

**A**ngelo deve ter adormecido na relva molhada ao lado da estrada, mas a noite estava fria e a sua batina era fina, pelo que ele acordou a tremer. Mesmo aquele pequeno movimento o fez gemer, mas pelo menos a dor aguda ao longo do seu flanco direito reanimou-o. Estava escuro, e a sua boca estava tão seca que ele lambeu o orvalho da erva junto ao rosto. Tinha de se mexer para aquecer e tinha de se mexer para encontrar água. Tinha de se mexer para encontrar Eva.

Com dificuldade, pôs-se de pé e deu um passo, depois outro, dizendo a si mesmo que andar não seria tão doloroso como estar deitado. Cada respiração parecia fogo e ele estava certo de que teria algumas costelas partidas. A escuridão e a sua perna deficiente tornavam cada passo difícil, mas ele encontrou a posição em que sentia menos dores e, adotando determinado ritmo, coxeou ao longo da Via Ardeatine em direção a Roma. Pelo menos esperava que estivesse a ir em direção a Roma. Que Deus o ajudasse se ele tivesse virado para o lado oposto. Quase não conseguia ver do olho direito, o esquerdo estava fechado, de tão inchado, e o nariz estava partido. Nesse caso, não se perdia nada — nunca fora a melhor parte do seu rosto. Perdera três unhas da mão direita e o dedo mínimo da mão esquerda estava fraturado. A certa altura tropeçou e caiu, amparando-se no dedo que se dobrava numa estranha posição. A dor deu-lhe vômitos e fê-lo ver

estrelas, lutando para se manter consciente. Cautelosamente pôs-se de joelhos de modo a poder gemer uma oração a Nossa Senhora, pedindo-lhe que o ajudasse apenas um pouco mais. Ela ouviu-o e ele continuou a andar.

Não estava longe da igreja de Santa Cecília em Trastevere — oito quilómetros, talvez? Mas ele movia-se tão lentamente que demoraria horas até lá chegar, e não tinha ideia de que horas seriam. A escuridão era bem-vinda, quanto mais não fosse para o esconder. Ele devia estar morto, e estaria mais seguro se continuassem a pensar desse modo. Imaginava o seu aspeto — o cabelo emaranhado com sangue e sujidade, a batina coberta de sangue e a cheirar a suor e a morte. Usava-a há três dias. Parecia um mensageiro do Inferno, ao invés de um membro do exército de Deus.

Sabia que havia outra igreja naquela estrada — havia igrejas em todas as estradas de Roma. Procurou na memória o nome do padre, mas não o conseguiu encontrar. Havia um mosteiro perto, também, e uma escola. Ele deixara alguns refugiados em cada uma delas. Crianças. Judeus. Mas a estrada estava deserta. Não vira viva alma desde que os camiões com soldados alemães, armas com bastante uso e caixas de conhaque vazias se haviam afastado com estrondo, deixando para trás a velha pedreira e as catacumbas. Havia mortos recentes nas catacumbas agora. Os antigos fantasmas já não seriam os únicos a reivindicar as grutas de Ardeatine.

Levou uma eternidade dolorosa a alcançar a igreja, mas acelerou o passo quando viu a fonte. Quase caiu dentro dela, o rosto em primeiro lugar, engasgando-se quando arquejou com dores e inalou a água pela boca em vez de a engolir. Era salobra e provavelmente far-lhe-ia mal, mas era a melhor coisa que alguma vez provara. Bebeu à vontade até se sentir saciado, tentando não gritar quando os seus dedos feridos roçaram a superfície gelada. Lavou-se o melhor que pôde, limpando o sangue e a sujidade do cabelo e da pele. Se não chegasse ao seu destino antes de o Sol nascer, queria estar tão apresentável quando possível, e a água reavivou-o.

Assustou-se quando uma sombra desceu sobre ele, mas viu que não passava de um homem de pedra. Uma estátua. Esta olhava para baixo com uma compaixão gelada, mãos estendidas, mas incapaz de o ajudar. Angelo desconhecia o nome do santo ou o significado da estátua — também não se recordava do nome da igreja —, mas algo

nele, a solenidade da expressão, a melancólica aceitação da posição, o fez recordar-se da escultura de Donatello de São Jorge e do dia em que Angelo encontrara a sua vocação.

Tinha 13 anos quando São Jorge se lhe dirigira. Não de forma audível. Angelo não era tonto nem profeta. Mas São Jorge falara-lhe, ainda assim. Ele tinha as muletas naquele dia — a perna, demasiado dorida para usar a prótese. A excursão da escola tinha-o fatigado, e, fosse como fosse, acompanhar os outros rapazes tinha pouco interesse para ele. O padre Sebastiano trouxera-o para o Palazzo del Bargelli, e Angelo pouco passara da entrada quando vira a estátua.

Estava recuada e elevada, por isso não lhe podia tocar. Mas queria fazê-lo. Aproximou-se o mais que pôde e ficou de pé, com a cabeça erguida a olhar fixamente para a estátua de São Jorge que fitava uma antiga distância com uma inocência que desmentia a sua armadura e um destemor que contradizia a inclinação preocupada das suas sobancelhas. Os seus olhos eram grandes e límpidos, as costas, direitas, e encarava a ameaça que se aproximava com firmeza, apesar de quase não parecer ter idade suficiente para empunhar uma espada. Angelo não conseguia deixar de olhar assombrado para o seu rosto, hipnotizado. Manteve-se na mesma posição durante muito tempo, ignorando a cúpula emoldurada, os *frescos*, e os vitrais. A dimensão do museu e todas as suas maravilhas estavam reduzidas àquela estátua.

Agora, mais de 12 anos depois, ali estava ele a observar uma estátua que não era a famosa escultura de Donatello, mas à qual mesmo assim implorava:

— Ajudai-me, San Giorgio — exclamou, esperançado que os Céus estivessem a escutar —, ajudai-me a fazer face ao que está para vir! Angelo virou-se e afastou-se da fonte, de regresso à estrada que era tão antiga como a própria cidade de Roma, sentindo o olhar da estátua desconhecida nas suas costas cansadas. Os pensamentos de Angelo regressaram ao seu defensor, àquela tarde muitos anos antes quando tudo ficara tão claro, quando a imortalidade parecia um prémio e não uma tortura terrível. Tinha demasiadas dores para se sentir tentado pela eternidade. A morte parecia-lhe muito mais convidativa.

Nessa tarde, há tantos anos, alguém acabara por se lhe juntar na contemplação da estátua de São Jorge, mas ele não tomara consciência disso até o homem ter falado, contando-lhe a história por detrás da arte.

«Jorge era um soldado romano, um capitão. Não renunciou a sua fé a Cristo. Prometeram-lhe ouro e poder e riquezas se ele adorasse os deuses do império. O imperador não o queria matar... Valorizava muito o jovem Jorge. Mas este recusou.»

Angelo afastara os olhos da escultura de Donatello. O homem ao seu lado era um padre como o padre Sebastiano, mais velho que o pai de Angelo, mas mais novo do que o seu avô Santino. Os olhos do padre eram brilhantes, e o seu cabelo, cuidadosamente penteado. O seu rosto era afável e curioso, mas as mãos estavam unidas atrás das costas, toda a sua postura testemunhando uma solene abnegação.

«Morreu?», perguntara Angelo.

«Sim, morreu», respondera o padre com gravidade.

Angelo já o calculara, mas a verdade feria-o de qualquer maneira. Desejava que o jovem herói tivesse sido vitorioso.

«Morreu, mas derrotou o dragão», acrescentara o padre suavemente.

Aquilo não fizera qualquer sentido a Angelo, que enrugara o nariz, confuso; os seus olhos voltaram-se para a estátua e para o grande escudo na mão de Jorge. Pensava que se tratava de uma história verídica, mas não existiam dragões.

«O dragão?», perguntara. «Lutou com um dragão?»

«O mal. A tentação. O medo. O dragão é o símbolo da batalha que deve ter travado dentro de si mesmo para se manter fiel ao seu Deus.»

Angelo assentira, compreendendo perfeitamente. Mais uma vez o silêncio caía sobre eles, fixando a estátua do soldado feito pela mão do mestre.

«Como se chama, meu jovem?», interrogara o padre.

«Angelo», respondera ele, «Angelo Bianco».

«Angelo, São Jorge viveu há mais de mil e quinhentos anos. E, no entanto, estamos ainda a falar sobre ele. Creio que isso o torna imortal... Não acha?»

Tal pensamento comovera Angelo às lágrimas, que ele tentou afastar.

«Sim, padre, acho.»

«Ele arriscou tudo e agora é imortal.»

*Ele arriscou tudo e agora é imortal.*

Angelo gemeu, a recordação dando-lhe a volta ao estômago. Oh, a ironia. Oh, a incrível, terrível ironia. Ele também arriscara tudo, e poderia ter perdido a única coisa pela qual negociaria a sua imortalidade.



Quando a aurora começou a erguer-se no céu, a oeste, com a sua luz pálida sobre os pináculos e campanários da Cidade Eterna, Angelo chegou aos portões de Santa Cecília. Os sinos das laudes começaram a tocar como se lhe dessem as boas-vindas, mas Angelo apenas conseguiu agarrar as grades de ferro e rezar para que, por algum milagre, Eva o esperasse no interior.

A madre Francesca descobriu-o poucos minutos depois, sentado com as costas contra o portão como se tivesse sido apoiado ali por um seguidor de Satanás. Ela deve ter pensado que ele estava morto, porque gritou de horror, fazendo o sinal da cruz enquanto corria para o ajudar. Angelo estava demasiado cansado para a tranquilizar.

Olhou através das pálpebras inchadas quando Mario Sonnino apareceu sobre ele, verificando-lhe o pulso, gritando instruções para que outros o carregassem para dentro.

— Não é seguro — Angelo lutou pelas palavras.

Mario não estava a salvo fora do portão. Mario não estava a salvo *dentro* do portão.

— Alguém pode vê-lo. — Angelo tentou avisá-lo, mas as palavras saíam-lhe lodosas.

— Levem-no lá para cima, para o quarto da Eva! — ordenou Mario.

— Onde está a Eva? — perguntou Angelo, forçando as palavras a sair; precisava de saber.

Ninguém lhe respondeu. Levaram-no rapidamente escadas acima, e Angelo gritou, as suas costelas a protestarem contra o movimento. Foi delicadamente pousado na cama e o aroma de Eva envolveu-o.

— Eva? — perguntou, desta vez mais alto. Espreitou através do olho que não estava completamente fechado com o inchaço, tentando ver, mas as formas eram desfocadas e as pessoas mantinham um silêncio sinistro.

— Há três dias que não a vemos, Angelo — respondeu Mario finalmente. — Os alemães levaram-na.

24 DE MARÇO DE 1944

VIA TASSO

**Confissão:** O meu nome é Batsheva Rosselli, não Eva Bianco, e sou judia. O Angelo Bianco não é meu irmão, mas um padre que apenas me quis proteger deste lugar onde me encontro agora.

*A primeira vez que vi o Angelo, ele era uma criança. Como eu. Uma criança cujos olhos haviam visto demasiados desgostos para alguém tão jovem. Não falou durante muito tempo depois de chegar a Itália. Só observava. Eu pensava que era por ele ser americano. Pensava que era por ele não compreender. Dá-me vontade de rir quando penso nisso agora, como eu agia e falava tão alto, como se houvesse algo de errado com os seus ouvidos. Eu dançava à volta dele, a tocar o meu violino e a cantar pequenas canções, só para ver se ele sorria. Quando ele o fazia, eu abraçava-o e beijava-o na face. Não havia nada de errado com os seus ouvidos ou com o que compreendia. Ele percebia-me perfeitamente. Estava apenas a escutar. A observar. A aprender.*

*O Camillo, o meu pai paciente, dizia-me para o deixar em paz, mas eu não conseguia. Simplesmente não conseguia. Compreendo agora como esse comportamento não mudou. Dancei em redor dele durante anos, tentando conseguir a sua atenção — querendo arrancar-lhe um sorriso. Querendo apenas estar perto dele, para me limitar a amá-lo e a ser amada por ele. Já nessa altura eu era rebelde, afastando o*



*medo, mesmo se não o reconhecia. A rebelião foi sempre a minha maior aliada, apesar de por vezes a detestar. Ela assemelhava-se a mim, e sofria como eu, mas não me deixava desistir. E quando o medo levou as minhas razões para lutar, a rebelião trouxe-mas de volta.*

*O meu pai disse-me uma vez que estamos na Terra para aprender. Deus quer que recebamos tudo o que a vida nos deve ensinar. Depois, agarramos no que aprendemos e isso torna-se a nossa oferenda a Deus e à humanidade. Mas temos de viver para aprender. E às vezes temos de lutar para viver.*

*Esta é a minha oferenda. Estas são as lições que aprendi, o pequeno ato de rebelião que me manteve viva, e o amor que alimentou a minha esperança, quando esta era tudo o que me restava.*

*Eva Rosselli*

1929



# CAPÍTULO 1

## FLORENÇA

— **O** Santino tem um neto, sabias? — perguntou o pai de Eva.  
— O avô tem um neto? — indagou Eva.  
— Sim, o avô. Mas ele não é mesmo teu avô. Sabes isso, não sabes?

— É o meu avô porque me ama muito — justificou Eva.

— Sim, mas não é meu pai, e não era pai da tua mãe. Por isso, não é teu avô — explicou o pai pacientemente.

— Sim, *babbo*. Eu sei — respondeu Eva irritada, não compreendendo porque ele insistia no assunto. — Então a Fabia não é mesmo minha avó... — Parecia uma mentira dizer aquilo em voz alta.

— Sim. É isso. O Santino e a Fabia tiveram um filho. Ele partiu de Florença e foi para a América quando era jovem, porque havia mais oportunidades para ele lá. Casou com uma rapariga americana e tiveram um filho.

— Quantos anos tem o rapaz?

— Tem 11 ou 12. É poucos anos mais velho do que tu.

— Como se chama?

— Chama-se Angelo, como o pai, penso eu. Mas, Batsheva, por favor ouve por um momento. Não me interrompas. — O *babbo* de Eva só usava o seu nome completo quando estava a ficar impaciente, por isso ela ouviu-o e parou de falar.

— A mãe do Angelo morreu — disse ele com tristeza.

— Era por isso que a *nonna* estava a chorar ontem, enquanto lia o telegrama? — Interrompera Eva novamente.

— Sim. O Santino e a Fabia querem que o filho traga o rapaz para Itália. Ele tem tido uns problemas de saúde, numa perna, aparentemente. Querem que ele viva cá. Connosco. Pelo menos durante algum tempo. O irmão mais velho do Santino é padre e eles pensam que o rapaz pode ir para o seminário aqui em Florença. Já é um pouco crescido para começar, mas esteve numa escola católica na América, por isso não estará muito atrasado. Pode até estar adiantado.

O pai disse isto como se estivesse a pensar alto, em vez de estar a comunicar algo que Eva realmente precisava de saber.

— E eu ajudarei no que puder — murmurou.

— Seremos amigos, acho eu — disse Eva. — Porque ambos perdemos a nossa mãe.

— É verdade. E ele vai precisar de um amigo, Eva.

Eva não se lembrava da mãe. Ela tinha morrido de tuberculose quando Eva era pequena. Eva tinha uma vaga recordação dela deitada imóvel na cama com os olhos fechados. Não devia ter mais de 4 anos, mas conseguia ainda recordar a altura da cama e o sentimento de júbilo quando se endireitava para alcançar o pequeno violino. Queria tocar uma canção para a sua mãe.

Eva gatinhara lentamente até ao lado da mãe e tocara-lhe no rosto febril, o escarlate da tuberculose a fazê-la parecer uma boneca pintada. A mãe abrira as pálpebras lentamente, os olhos vidrados e entorpecidos tornando-a ainda mais semelhante à boneca. Isso assustara Eva, a figura quase sem vida com olhos vidrados azuis fixos nela. Em seguida, a mãe de Eva dissera o nome da filha e este estalara e quebrara-se entre os seus lábios como papel velho.

«Batsheva», murmurara a palavra, seguida de um ataque de tosse que a exaurira e fizera o seu corpo tremer. A forma como dissera o nome, o murmúrio arranhado, o modo como suspirara entre as sílabas, como se fosse a última palavra que diria, levava a que Eva odiasse o seu nome durante muito tempo. Quando o pai lhe chamava Batsheva depois da morte da mãe, ela chorava e cobria os ouvidos.

Fora quando o seu *babbo* lhe começara a chamar Eva.

Era tudo o que Eva recordava da vida da sua mãe, da sua curta vida juntas, e tentava esquecê-lo. Não era uma recordação que ela acarinhasse. Preferia recordar a fotografia da mãe, fingindo lembrar-se

da adorável mulher com o cabelo castanho suave e pele de porcelana, segurando Eva ao colo, sentada junto a um Camillo muito mais novo, sem tons grisalhos no seu cabelo preto, o rosto sério com olhos castanhos sorridentes.

Eva tentara lembrar-se de quando era o bebé da moldura, a pequena rapariga sentada no colo da mãe olhando fixamente para a mulher que a segurava. Mas por mais que tentasse, não conseguia recordar-se dessa mulher. Eva nem se parecia com a mãe. Parecia-se com o pai, Camillo, com a pele mais clara e lábios mais rosados.

Era difícil amar ou sentir a falta de alguém que ela nem conheceria.

Eva interrogava-se se Angelo, o neto de Santino, amara a mãe. Esperava que não a amasse muito. Amar alguém e perder essa pessoa deveria ser muito pior do que nunca a ter tido.



— Porque estás tão triste? — perguntou Eva, erguendo os joelhos debaixo da longa camisa de dormir.

Encontrara Angelo na biblioteca do pai, a observar a tempestade, as portas abertas para a varanda, a chuva a cair pesadamente nas lajes cor-de-rosa. Não pensou que ele respondesse. Ainda não lhe respondera uma única vez. Vivia na *villa* com o seu *nonno* e *nonna* há três meses, e Eva fizera tudo o que podia para que ele se tornasse seu amigo. Tocara violino para ele. Dançara para ele. Chapinhara na fonte com o uniforme da escola e fora repreendida, só para o fazer rir. Ele ria-se por vezes. E isso fazia com que ela se esforçasse ainda mais. Mas ele nunca falara com ela.

— Sinto falta da minha mãe.

O coração de Eva saltou de surpresa. Ele estava a falar com ela. Em italiano. Eva sabia que Angelo compreendia quando falavam com ele, mas esperara que ele falasse em inglês, como um americano.

— Eu não me lembro da minha mãe. Ela morreu quando eu tinha 4 anos — disse ela, esperando que ele dissesse algo mais.

— Não te lembras de nada? — perguntou ele.

— O meu pai contou-me algumas coisas. A minha mãe era austríaca, não era italiana como o meu *babbo*. Chamava-se Adele Adler. Bonito nome, não é? Às vezes escrevo-o na minha melhor caligrafia. Parece o nome de uma artista de cinema americana. Ela até se

parecia um pouco com uma. O meu pai diz que foi amor à primeira vista.

Continuava a tagarelar, mas Angelo olhava-a com interesse, por isso não parou.

— A primeira vez que o meu *babbo* viu a minha mãe, estava em Viena numa viagem de negócios, a vender garrafas de vinho. O *babbo* tem uma empresa de vidros, sabes? Vende as suas garrafas para todos os produtores de vinho. Na Áustria há um vinho muito bom. O *babbo* deixou-me prová-lo. — Achou que Angelo devia saber como era sofisticada.

— Também tocava violino? — perguntou Angelo hesitante.

— Não. A mamã não era dada à música. Mas queria que eu fosse uma grande violinista como o meu avô Adler. Ele era famoso. Ou é o que o tio Felix diz — encolheu os ombros. — Fala-me sobre a tua mãe.

Ele ficou em silêncio durante vários segundos e Eva pensou que ele ia regressar ao seu mutismo.

— Tinha o cabelo escuro como o teu — murmurou. Estendeu o braço devagar e tocou-lhe no cabelo. Eva susteve a respiração quando ele enrolou o dedo à volta de um caracol e depois retirou a mão.

— De que cor eram os olhos? — perguntou ela suavemente.

— Castanhos... como os teus, também.

— Ela era bonita como eu? — A pergunta foi feita sem malícia, pois sempre tinham dito a Eva como era bonita e ela aceitava o facto com um encolher de ombros.

O rapaz inclinou a cabeça para o lado e refletiu no que ouvira.

— Acho que sim. Para mim era. E era *soft*. — Disse a palavra em inglês e Eva franziu o nariz a isso, sem ter a certeza de ter percebido.

— *Soft*? *Soffice o grassa*?

— Não, não era *grassa*. Não era gorda. Tudo nela me confortava. Era... *soft*. — A resposta era tão sábia, tão específica, tão adulta, que a única coisa que ela podia fazer era olhá-lo fixamente.

— Mas... a tua *nonna* também é *soft* — acabou ela por dizer, tentando arranjar alguma coisa, qualquer coisa, para dizer.

— Não da mesma maneira. A *nonna* exagera. Tenta fazer-me feliz. A *nonna* quer dar-me amor. Mas não é a mesma coisa. A mamã *era* amor. E nem sequer precisava de tentar. Simplesmente... era.

Sentaram-se a olhar para a chuva, e Eva cogitou sobre mães e coisas amorosas e suaves e em como a chuva a fazia sentir-se sozinha, apesar de estar acompanhada.

— Queres ser meu irmão, Angelo? Não tenho um irmão. Gostava muito de ter um — disse ela, o olhar fixo no seu perfil.

— Eu tenho uma irmã — sussurrou Angelo, sem lhe responder, sem desviar o olhar da chuva. — Ela ainda está na América. Ela nasceu... e a minha mãe morreu. E agora ela está na América e eu estou aqui.

— O teu pai está lá com ela.

Ele acenou com a cabeça tristemente.

— Ele deu-a à minha tia. Ela era irmã da minha mãe. Queria um bebé.

— Ela não te quis a ti? — perguntou Eva, confusa.

Angelo encolheu os ombros como se não se importasse.

— Como se chama... a tua irmã? — insistiu Eva.

— O papá chamou-lhe Anna, como a mamã.

— Vais voltar a vê-la.

Angelo virou a cabeça para ela e os seus olhos eram mais cinzentos do que azuis sob a sombra do pequeno candeeiro na mesa de Camillo.

— Não creio que volte a vê-la. O papá disse que a Itália é a minha terra agora. Não quero que a Itália seja a minha terra, Eva. Quero a minha família. — Fez uma pausa e olhou para baixo, para as mãos, como se tivesse vergonha da sua fraqueza. Era a primeira vez que ele pronunciava o seu nome, e Eva agarrou-lhe a mão.

— Eu serei a tua família, Angelo. Serei uma boa irmã. Prometo. Até me podes chamar Anna quando estivermos sozinhos, se quiseres.

Angelo engoliu em seco, a mão apertada em redor das suas.

— Não te quero chamar Anna — disse ele, com um soluço a subir-lhe na garganta. Ele olhou de novo para Eva, pestanejando entre lágrimas. — Não quero chamar-te Anna, mas serei teu irmão.

— Podes ser um Rosselli se quiseres. O *babbo* não se vai importar.

— Serei Angelo Rosselli Bianco. — Sorriu à ideia e limpou o nariz.

— E eu serei Batsheva Rosselli Bianco.

— Batsheva? — foi a vez de Angelo franzir o sobrolho.

— Sim, é o meu nome. Mas toda a gente me chama Eva. É um nome judaico — disse ela com orgulho.

— Judaico?

— Sim, nós somos *ebrei*.



— *Ebrei?*

— Somos judeus.

— O que significa isso?

— Não tenho a certeza — encolheu os ombros. — Não vou às aulas de Religião na escola. E não sou católica. A maior parte dos meus amigos não conhece as nossas orações e não vai ao templo. Exceto os meus primos Levi e Claudia. Eles também são judeus.

— Não és católica? — perguntou Angelo, chocado.

— Não.

— Acreditas em Jesus?

— O que queres dizer com isso, se acredito em Jesus?

— Que ele é Deus.

Eva enrugou a testa.

— Não, não acho. Jesus não é o nome que lhe chamamos.

— Não vais à missa?

— Não. Nós vamos ao templo. Mas não com frequência — admitiu. — O meu *babbo* diz que não temos de ir à sinagoga para falarmos com Deus.

— Eu frequentei uma escola católica e ia à missa todos os domingos. A mamã e eu íamos sempre à missa. — Angelo não perdera a expressão chocada do rosto. — Não sei se posso ser teu irmão, Eva.

— Porquê? — perguntou num tom de voz agudo, perplexa.

— Porque não seguimos a mesma religião.

— Os judeus e os católicos não podem ser irmãos e irmãs?

Angelo estava silencioso, contemplativo.

— Não sei — admitiu finalmente.

— Acho que podem — disse ela com firmeza. — O *babbo* e o tio Augusto são irmãos e não concordam em muita coisa.

— Está bem, então. Estaremos de acordo em tudo o resto — aquiesceu Angelo com gravidade. — Para compensar.

Eva assentiu com igual solenidade:

— Em tudo o resto.



— Porque estás sempre a discutir comigo? — suspirou Angelo, erguendo as mãos.

— Eu não estou sempre a discutir contigo — argumentou Eva.

Angelo revirou os olhos e tentou afastar a sua persistente sombra. Ela seguia-o para toda a parte, e habitualmente ele não se importava, mas tinha passado a manhã a ensiná-la a jogar basebol — ninguém em Itália jogava basebol — e agora a perna incomodava-o. Queria que Eva se fosse embora para poder tratar da dor que o afligia.

— O que se passa exatamente com a tua perna? — perguntou Eva, notando o seu desconforto. Ela já ensinara a Angelo as bases do futebol e, apesar de ele não poder correr muito bem, conseguia fintar e defender. Era um goleador excelente. No entanto, apesar de todo o tempo que passavam a jogar juntos, nunca lhe falara na sua perna e ela fora surpreendentemente paciente, à espera de que ele lhe revelasse o segredo. Estava cansada de esperar.

— Não há nada de errado com ela... por assim dizer. Só não está toda lá.

Eva susteve a respiração, horrorizada. Uma perna ausente era tão pior do que ela imaginara.

— Posso ver? — implorou.

— Porquê? — Angelo mudou de posição desconfortavelmente.

— Porque nunca conheci ninguém que não tivesse uma perna.

— Bem, é esse o problema. Não podes ver o que lá não está.

Eva suspirou, exasperada.

— Quero ver a parte que *está* aí.

— Teria de tirar as calças — desafiou ele, tentando chocá-la.

— E? — respondeu Eva descaradamente, encolhendo os ombros. — Não me importo com a tua roupa interior malcheirosa.

Quando ele ergueu as sobrancelhas surpreendido, ela insistiu docemente.

— Por favor, Angelo? Ninguém me mostra nada interessante. Toda a gente me trata como um bebé.

Toda a gente olhava Eva como uma pequena princesa. Era adorada. E Angelo reparara que ela não gostava particularmente de ser assim tratada.

— Está bem, mas também tens de me mostrar qualquer coisa.

— O quê? — Fez um ar desconfiado. — As minhas pernas são normais. Todo o meu corpo é normal. O que queres que te mostre?

Angelo pareceu ponderar durante uns momentos. Eva tinha a certeza de que ele ia querer ver as suas partes femininas. O *nonno* ia bater-lhes e a *nonna* iria benzer-se e pegar no seu rosário preto

e rezar, se fossem apanhados, mas Eva também estava curiosa e não se importava de obter respostas acerca das partes masculinas.

— Quero que me mostres o diário em que escreves. E quero que o leias para mim — respondeu Angelo.

Eva ficou visivelmente surpreendida, mas era provavelmente mais seguro do que mostrar-lho e ele ir contar a alguém, por isso respondeu logo:

— Está bem. — E estendeu a mão para lhe dar um breve aperto de mão.

Pelo olhar furioso de Angelo, Eva sabia que ele estava preocupado acerca do acordo que tinha feito. A sua determinação em apertar-lhe a mão levou-o a pensar que fizera um mau negócio. Provavelmente ela ir-se-ia pôr logo a escrever sobre ele. E isso era verdade. Mas não se importava que ele soubesse.

Mesmo assim apertou-lhe a mão e começou a levantar a perna direita das calças. Todos os outros rapazes em Florença usavam calções durante praticamente o ano todo, mas Angelo não. Angelo parecia um pequeno homem, com as suas calças e as suas horrendas botas pretas.

— Pensei que tivesses de tirar as calças. — Eva bufou, sem gostar que ele lhe tivesse mentido.

— Só queria ver o que dizias. Não és uma senhora, isso de certeza.

— Sou, sim! Só não sou uma tonta que dá grande importância à roupa interior larga de um rapaz.

Ele esticou a perna, exibindo as colunas de aço apertadas ao seu joelho e à parte superior da perna numa das extremidades e presa à bota preta na outra.

Eva tocou no aparelho ajustável com a mão estendida, fascinada.

— Ajuda-me a andar. O meu pai fê-la para mim. — O seu rosto mudou com a menção ao pai, como sempre acontecia. O pai de Angelo era ferreiro e prometera ensiná-lo a construir objetos de metal. Angelo não necessitava de duas pernas para fazer coisas com as mãos. Mas isso fora antes de a mãe morrer. O pai estava na América, Angelo estava em Itália, e ninguém ensinaria Angelo a trabalhar o metal.

— Podes tirá-la? — Eva queria mesmo vê-lo em toda a sua glória, sem a perna. Angelo desafiou as correias e gemeu um pouco, como se fosse um alívio soltá-las.

Puxou a prótese e Eva olhou fixamente para baixo, onde a perna terminava, logo abaixo do joelho, os olhos abertos, os lábios a formarem um «O» mudo.

Angelo pareceu embaraçado e talvez um pouco envergonhado, como se tivesse feito algo de errado. Ela estendeu a mão e agarrou-lhe a sua de imediato.

— Dói-te? — O cabedal parecia suave e ele tinha uma meia grossa a proteger a pele do peso e da ação da prótese. Mas não era como descalçar uma bota, e o coto, com a sua forma estranha mesmo abaixo do joelho, estava vermelho e ferido.

— Usar a perna de metal é um pouco desconfortável. Mas gosto de poder andar. Usei muletas durante muito tempo. O aparelho é ajustável, e irá crescer comigo, pelo menos durante uns anos. Ainda posso usar a muleta quando a minha perna fica cansada.

— Como perdeste a tua perna?

— Na verdade, nunca a tive.

— Nascestes sem ela?

— A minha mãe contou-me que o médico pensa que o cordão umbilical estava em redor dela, impedindo o sangue de circular. Não cresceu como devia, e parte da minha perna morreu. Removeiram as partes mortas depois de eu nascer. — Encolheu os ombros. — A mamã disse que não era importante se eu não deixasse que o fosse.

— Parte dela cresceu. — Os olhos de Eva demoravam-se nos músculos da sua coxa nua, e Angelo corou e começou de imediato a recolocar a perna de metal, de modo a poder puxar as calças para baixo. O seu embaraço levou a que Eva também corasse. Ela só queria que ele soubesse que a perna dele lhe parecia bem.

— Faço exercícios todos os dias. Salto e faço agachamentos para que as minhas pernas sejam fortes. O médico disse que quanto mais forte eu for, mais coisas posso fazer. Sou muito forte — acrescentou ele, envergonhado, os olhos dardejando o rosto de Eva antes de voltar a olhar para baixo. Ela estava impressionada e sorriu, concordando.

Eva levantou-se de repente e deixou a sala. Angelo viu-a sair, talvez interrogando-se se ela vira o suficiente, mas Eva estava de volta antes de ele conseguir terminar de apertar a última correia. Trazia um livro nas mãos, e sentou-se junto a ele na cama. Ele recuou de imediato quase caindo no chão. Ela interrogou-se

se o tinha feito estremecer no seu íntimo. Ela sentia-se assim às vezes quando estavam juntos. Mas até gostava da sensação. Ele encarou Eva e ela reconheceu o olhar. O *babbo* olhava-a assim quando ela fazia algo que ele não compreendia.

— Não queres ver o meu diário? — perguntou.

— Quero que sejas tu a mostrar-mo — insistiu ele sem lhe tocar.

— Está bem. Bem, este é o meu livro das confissões. — Abriu a capa de cabedal suave e folheou as páginas, sem o deixar ver bem qualquer uma delas.

— Tens uma caligrafia muito bonita. Mas eu não leio italiano muito bem. Falar é uma coisa, mas sempre li apenas em inglês.

Eva aquiesceu, contente por ele não poder ler os seus pensamentos ou as suas palavras.

— Pensei que fosse um diário. — Ele parecia desiludido. — A quem te estás a confessar? — interrogou.

— Oh, é mesmo o meu diário. Mas eu confesso coisas. Coisas muito privadas. — Expressiu-se de modo a que ele compreendesse que estava a ouvir informação privilegiada. No geral, ela escrevia sobre o seu dia, mas tinha de o fazer parecer especial.

— Lê-me uma — insistiu Angelo.

— Pensei que eras envergonhado — disse ela secamente. — Não és. És até bastante mandão. Fico contente.

Angelo bateu no diário, chamando a atenção de Eva para as páginas.

— Está bem. Vou ler-te a confissão que escrevi sobre ti logo que chegaste a Itália.

— Sobre mim?

— Sim. Vais gostar, acho eu.

*«Estou contente por o Angelo aqui estar. Estou cansada de estar sempre com adultos. O babbo diz que eu sou mais esperta e mais madura do que a maior parte das crianças da minha idade porque cresci rodeada de gente velha. É uma coisa boa, acho eu. Mas estou cansada de gente velha. Quero brincar às escondidas e à apanhada. Quero ter alguém a quem contar os meus segredos. Quero escorregar pelo corrimão, saltar na cama e descer pela janela do meu quarto e sentar-me no telhado com um amigo, e não apenas os meus amigos imaginários.*

*O Angelo só tem 11 anos, é dois anos mais velho do que eu e já sou tão alta como ele. Ele é assim para o pequeno. A nonna diz que*

*é normal. Que as raparigas amadurecem mais cedo. Diz que ele me vai apanhar. Mas ele é muito bonito e tem uns olhos lindos. Mas são demasiado bonitos para um rapaz. É claro que a culpa não é dele. O cabelo dele é encaracolado, também como o de uma rapariga. Terá de o manter curto e nunca usar um vestido. Caso contrário, será mais bonito do que eu e isso não me parece bem.»*

Angelo olhou-a com desconfiança e Eva riu por entre dentes face ao seu desagrado.

— Tu és muito bonito... — zombou ela. — Embora o teu nariz seja demasiado grande para a tua cara.

— Não penso que tenhas de te preocupar que eu seja mais bonito do que tu — bufou ele. — És a rapariga mais bonita que alguma vez vi. — Depois tomou consciência do que dissera e o seu rosto ruborizou novamente. — Não gostei dessa — disse ele rapidamente. — Lê-me outra.

E ela assim fez. Leu-lhe confissão atrás de confissão, e ele ouviu-a com a paciência de um padre.

1938





17 DE NOVEMBRO DE 1938

**Confissão:** Às vezes tenho medo de dormir.

*Voltei a ter aquele sonho na noite passada, o sonho que tenho desde os 9 anos, aquele que eu não compreendo, mas que parece compreender-me a mim. Como sempre, está escuro no sonho, mas, a escuridão está cheia de gente. Não consigo ver nada, apenas a luz do luar através de uma pequena janela no cimo da parede e as ripas que envolvem a escuridão. Estou em movimento e estou assustada.*

*Sei que posso alcançar a janela e, de repente, os meus dedos estão a agarrar o rebordo por baixo da pequena abertura e as pontas dos meus pés estão enfiados nas ripas que usei como escada para a alcançar.*

*«Se saltares, vão castigar-te.» Mãos agarram as minhas roupas e eu sacudo-as, pontapeando desesperadamente.*

*«Vão matar-nos!», lamenta-se uma mulher por baixo de mim.*

*«Tens de pensar em nós!»*

*«Vais morrer se saltares», alguém silva, e o consenso cresce à minha volta. Mas eu não consigo ouvir.*

*A minha cabeça cabe na abertura, e o ar que sinto no rosto é como água. Como vida. Uma cascata de esperança fria. Abro a boca*

*e trago-a, incapaz de matar a sede que me seca a garganta, no entanto fico mais forte.*

*Forço os meus ombros através da janela, agarrada a tudo e a nada, agitando-me para me libertar, e subitamente estou pendurada, de cabeça para baixo sobre um mundo que corre e retine, e consigo ainda ouvir o meu coração a palpitar-me no peito.*

*Depois estou a cair.*

*Eva Rosselli*

## CAPÍTULO 2

### ITÁLIA

O pai acordou-a, chamando-a pelo nome e sacudindo-a com força, salvando-a do sonho.

— Eva! Eva! — Ele estava assustado. Ela conseguia ouvi-lo. E o seu medo assustou-a também. Abriu as pálpebras pesadas e olhou para ele, e o seu rosto enterneceu-se de alívio.

— Eva! Assustaste-me! — A sua voz enfraqueceu, e ele agarrou-a, os cobertores descompostos entre os dois, os seus braços cercando as costas da filha. O pescoço do pai cheirava a sândalo e tabaco, e o conforto que retirou desse odor deixou-a mole e sonolenta.

— Desculpa — sussurrou, sem ter a certeza da razão por que tinha de pedir desculpa. Estava a dormir. Era tudo.

— Não, *mia cara*. Eu devia saber. Quando eras pequena, dormias tão profundamente que a Fabia encostava a cabeça ao teu peito para ter a certeza de que estavas a respirar. Devo ter-me esquecido.

Alguns momentos depois ele soltou-a e ela voltou a encostar-se nas almofadas.

— Estava a sonhar.

— Bons sonhos?

— Não. — Não fora um bom sonho. — O mesmo sonho de sempre. O que já te contei antes.

— Ah... Saltaste desta vez?

— Sim. Creio que sim. Mas não com as pernas. Com todo o corpo. Caí. Através da janela. Deixei-me cair. Depois acordei.

— Nos sonhos acordamos sempre quando estamos a cair. Acordamos sempre antes de chegar ao chão — consolou-a o pai.

— É bom. Porque cair no chão ia ser muito doloroso. Cair poderia matar-me — murmurou ela.

— Então por que razão saltas... no sonho? Porque queres sempre saltar?

— Porque se não saltar, morro de certeza. — Era a verdade. E no sonho ela sabia-o. Saltar ou morrer.

O pai acariciou-lhe a face, como se ela tivesse 8 anos em vez de 18, quase 19, e ela agarrou-lhe a mão e beijou-lhe a palma. Ele fechou a mão sobre o beijo, como costumava fazer quando ela era pequena.

Ele estava quase a chegar à porta quando Eva lhe perguntou:

— Gritei? Gritei e acordei-te?

— Gritaste, mas não me acordaste. Já estava acordado. — Eram três da manhã e ela reparou de repente como o seu pai envelhecera. Isso assustou-a, mais ainda do que o sonho.

— Estás bem, *babbo*? — perguntou ela, temerosa.

— *Sono felice se tu sei felice*. — Estou feliz se tu estiveres feliz. Era o que sempre dizia.

— Estou feliz — sorriu-lhe ela com afeto.

— Então tudo está bem no meu mundo. — Mais uma vez, algo que dizia sempre. Desligou a luz e o quarto ficou envolto em escuridão. No entanto, o seu pai permaneceu junto à porta.

— Adoro-te, Eva. — A sua voz parecia estranha, como se fosse chorar, mas ela já não lhe conseguia ver o rosto.

— Também te adoro, *babbo*.



Camillo Rosselli, pai de Eva, sabia o que aí vinha. Pensava que tinha protegido a filha de tudo, ou talvez ela fosse suficientemente italiana, suficientemente jovem, suficientemente ingénua para não notar a tempestade que se aproximava e pensasse apenas em dançar à chuva. A maior parte dos amigos não fazia ideia de que ela era judia. Eva não se lembrava de que era judia a maior parte do tempo. Não se sentia diferente. Apercebera-se das caricaturas a ridicularizar os judeus,

da eventual marca depreciativa, e dos artigos nos jornais de Santino. Aquelas coisas enfureciam sempre o seu pai. Mas parecia apenas política para Eva, e a política em Itália era para os políticos, não para o povo — o povo limitava-se a encolher os ombros e continuar com a sua vida.

Sim, ela tinha ouvido Camillo a discutir com o seu irmão Augusto. Mas eles estavam sempre a discutir. Tinham discutido pelo menos uma vez por semana durante toda a vida de Eva.

— Os judeus são o sangue puro de Itália. A sinagoga é mais importante do que a igreja — dizia Augusto.

— Sem dúvida — respondia Camillo excitadamente, servindo mais vinho.

— Perdemos amigos e família na Grande Guerra. Todos na defesa do nosso país, Camillo. Certamente, isso conta para alguma coisa.

Camillo assentia e dava um gole; dava um gole e assentia.

— Tenho mais confiança nos fascistas que nos comunistas — acrescentava Augusto.

— Não vejo razão para confiar em nenhum deles — retorquia Camillo.

E era aí que Augusto e Camillo não concordavam, e passavam a noite a fumar, a beber e a discutir sobre o Il Duce e os Camisas Negras *versus* os Bolcheviques.

— Nenhum judeu que ame a sua liberdade pode suportar uma ideologia que usa a força e a intimidação para ganhar seguidores. — Camillo apontava um dedo comprido ao seu irmão mais novo.

— Mas, Camillo, pelo menos não tentam tirar-nos a nossa religião. Os fascistas veem com o mesmo desdém que nós o conservadorismo católico. Trata-se de nacionalismo. Revolução, mesmo.

— As revoluções raramente são a favor dos judeus — lamentava-se Augusto bem alto, erguendo as mãos, desgostoso. — Quando foi a última vez que foste ao templo, hum, Camillo? És mais italiano do que judeu. A Eva por acaso sabe as nossas orações? Reparaste, porventura, que hoje é *Shabbat*?

Camillo mudou de posição na cadeira, sentindo-se culpado, mas a sua resposta era sempre a mesma.

— Sei que é domingo e é claro que a Eva sabe as nossas orações! Sou judeu. Serei sempre judeu. A Eva é judia. Será sempre judia. Não

porque vamos à sinagoga. Não porque cumprimos os dias santos. É a nossa herança. É quem somos, quem sempre seremos.

Ultimamente falavam cada vez mais sobre o crescente antisemitismo nas reportagens da rádio e nos jornais. O cunhado de Camillo, Felix Adler, com o seu forte sotaque austríaco, tão diferente do italiano ascendente, cadente e rolado que o resto da família falava, tinha mesmo ameaçado abandonar Itália quando o *Manifesto della Razza* fora publicado nos jornais no último mês de julho, causando um alvoroço que devastara Augusto. A família passara as férias em Maremma, tal como faziam todos os anos, escapando do calor da cidade para o litoral. Mas o *Manifesto da Raça* acompanhara-os, ocupara os seus pensamentos e roubara-lhes a felicidade.

— Mussolini está a construir um caso contra nós. Diz que nós, judeus, não servimos bem o nosso país. A culpa de os salários estarem baixos e os impostos altos é *nossa*. A culpa de a habitação ser limitada, a comida escassa e as escolas estarem apinhadas é *nossa*. É por causa dos judeus que não há trabalho e a taxa de criminalidade está a crescer — dissera Camillo, acenando a cabeça com desagrado.

Augusto zombava. Era sempre mais otimista do que o seu irmão mais velho.

— Os únicos jornais que estão a publicar notícias dessas são os que tentam obter dinheiro do governo. Vomitam disparates e tentam granjear a amizade dos fascistas. Ninguém acredita nisso. Os italianos são espertos.

— Mas os italianos estão a permitir que aconteça. Está a ser tolerado. Quer os nossos amigos gostem ou não, está a ser tolerado. Nós, judeus, estamos a tolerá-lo! Não estamos há tanto tempo assim fora do gueto para termos um sentimento de justa indignação. Esperamos que o pior não aconteça, para depois esperar que aconteça, para que quando isso se passe, não ficarmos surpreendidos. Sabes, Augusto, vi um sinal na parede do outro lado do café na Via San Giana onde bebo o café todas as manhãs. Dizia: «Judeus de volta ao gueto.» Está lá há mais de uma semana. Ninguém o retirou. Eu não o retirei — acrescentou num murmúrio envergonhado.

— O rei porá um ponto final nisso. Escreve o que te digo — rebatia Augusto.

— O rei Emmanuel fará o que Mussolini lhe disser para fazer — profetizava Camillo com firmeza.

Eva ouvira toda a conversa, mas para ela eram todos velhos. Camillo, Augusto, Mussolini e o rei. Homens velhos que falavam demais. E ela era uma jovem que não tinha vontade de os ouvir.

A 5 de setembro de 1938, uma semana depois de regressarem da costa, uma nova lei, escrita pelos fascistas e assinada pelo rei, declarava que os judeus já não podiam mandar os seus filhos para as escolas públicas e privadas italianas ou ter qualquer cargo numa escola italiana, do jardim-escola à universidade. Foi a primeira de muitas leis que se seguiram.

Eva terminara a escola secundária na primavera anterior, e em lugar de se inscrever na universidade, decidira explorar as suas opções. Camillo avisara-a de que não esperasse para se inscrever, mas ela empatara. Queria apenas tocar música durante algum tempo. Era membro da Orchestra della Toscana há já dois anos e era a mais jovem violinista a alcançar a maior distinção. Além disso, tinha três namorados que a mantinham muito ocupada — um rapaz judeu que tocava violoncelo, um rapaz católico que se fazia de difícil e um polícia florentino que ficava lindo no uniforme e gostava de dançar. Ela fazia malabarismos com os três — e sem planos para deixar de o fazer. Era jovem, bonita e a vida era maravilhosa. Por isso, não se inscrevera na universidade. E, de repente, a porta fechara-se-lhe.

Na manhã a seguir ao pesadelo, Eva acordou para um outro tipo de pesadelo. Quando entrou na cozinha à procura do pequeno-almoço, Santino estava sentado no seu lugar habitual na desfigurada mesa onde Fabia lhe servia o café — porque para ela a sala de jantar era para Camillo e Eva — com o *La Stampa* à sua frente, um jornal nacional que lia todas as semanas de fio a pavio. Três outros jornais estavam amontoados debaixo deste e, de vez em quando, Santino fazia deslizar as mãos pelo rosto, das sobrancelhas ao queixo, dizendo «*mio Dio*» como se não conseguisse acreditar no que estava a ler. Fabia chorava.

— O que se passa, *nonna*? — perguntou Eva, encaminhando-se imediatamente para junto dela. Os seus pensamentos dirigiram-se para Angelo, como sempre, preocupada com a possibilidade de algo lhe ter sucedido.

— Há leis novas, Eva — disse Santino lugubrememente. Bateu na página do jornal que segurava nas mãos. — Mais leis contra os *ebrei*. Os judeus.



— Para onde iremos nós? — perguntou Fabia a Eva. — Não vos queremos deixar.

Eva apenas conseguiu abanar a cabeça, confusa. Tirou o jornal a Santino, sabendo que ele tinha outro, e começou a ler.

Fabia chorava porque de repente tornara-se ilegal para não-judeus trabalharem em casas judaicas. Ela e Santino eram católicos. Segundo o *La Stampa*, as novas Leis Raciais proibiam os judeus de possuir casas, propriedades ou negócios acima de um determinado valor. Negócios de judeus não podiam empregar mais de cem pessoas e tinham de ser geridos por não-judeus. A fábrica de vidro de Camillo, Ostrica, tinha mais de quinhentos empregados. O pai começara a empresa e Camillo tirara o curso de engenheiro químico de modo a ser o melhor fabricante de vidro possível, e tornara-a um negócio altamente rentável. Mas nada disso importava agora.

Não só os professores judeus não podiam ensinar em escolas e universidades, como os livros de estudo escritos por autores judeus não eram permitidos em escolas italianas. Judeus e não-judeus não podiam casar. Os judeus não podiam ser guardiões legais de não-judeus.

O pai de Camillo, Alberto Rosselli, nascera no gueto. Há apenas 68 anos que os judeus em Itália tinham sido libertados e lhes fora concedido plenos direitos como cidadãos italianos. E esses direitos eram-lhes agora novamente retirados. Agora os judeus não podiam estar na política. Não podiam alistar-se como militares. Judeus estrangeiros não eram permitidos em Itália, o que significava que Felix Adler, o cunhado de Camillo, tinha quatro meses para partir, e o regresso à Áustria já não era uma opção.

Eva leu a lista uma e outra vez, examinando a língua, os pormenores. Depois leu de novo, incapaz de compreender por completo o que estava a acontecer, o que já acontecera.

O tio Augusto, a tia Bianca, Claudia e Levi vieram ter com eles — cada elemento da família falou num tom diferente de incredulidade, até caírem num silêncio nervoso, à medida que o dia passava. Augusto só conseguia coçar a cabeça.

— Por que razão isto continua a acontecer? Porquê os judeus? Sempre os judeus!

Camillo disse a Santino e a Fabia que havia formas de contornar as leis, e que havia de arranjar uma solução. Disse a todos para não se preocuparem, mas pela primeira vez na vida, Eva não acreditou nele.



Ao final da tarde, Eva não conseguia suportar o ambiente sombrio na *villa* e agarrou no chapéu e num pequeno livro e foi até ao seminário. Há três anos que ela ali visitava Angelo.

No início, Fabia e Eva visitavam Angelo no seminário quase todos os dias. Tornou a transição mais fácil para ele e iam até à *trattoria* e comiam um gelado ou jogavam uma partida de xadrez na *piazza*. O padre Sebastiano, diretor do seminário, era indulgente com Angelo, permitindo-lhe certas liberdades devido às circunstâncias e a regulares donativos de Camillo. Fabia fazia croché, Angelo e Eva falavam e riam, e Angelo sentir-se-ia mais forte até à próxima visita.

Lenta mas progressivamente, Angelo começou a perder a sua personalidade de pequeno rapaz abandonado e tornou-se um verdadeiro seminarista italiano, misturando-se com os outros rapazes que frequentavam a escola com o objetivo de se tornarem padres católicos. Mas quando fez 15 anos, Angelo pedira a Eva que deixasse de esperar lá fora por ele. Disse que não era bem-visto e que os outros rapazes o arrelivavam. Eva rira e dissera:

«Mas nós somos família!»

Ele olhara para ela, os seus lábios a demonstrarem querer dizer qualquer coisa. Esperara até que a atenção de Fabia fosse desviada.

«O que foi, Angelo?», bufara Eva, com as mãos nos quadris.

«Tu e eu não somos família, Eva.»

«É claro que somos família, Angelo!» Eva sentira-se magoada pela sua rejeição, mas ele era inflexível, como só Angelo podia ser.

«Tu és demasiado bonita e eu estou demasiado ligado a ti. E tu *não* és minha irmã ou minha prima ou qualquer coisa assim», repetira ele firmemente, quase como se a verdade o entristecesse. «Os outros rapazes também acham que és bonita. E gostam de falar sobre ti. E mim. Por isso, preciso que deixes de vir aqui.»

As coisas mudaram entre eles depois daquilo. Eva deixou de esperar por ele no exterior do portão, e mesmo ficando o seminário apenas a cinco quarteirões da *villa* a que ambos chamavam casa, apenas o via nos feriados e nos fins de semana quando ele sentia saudades dos avós. Ainda falavam e riam quando estavam juntos e ela ainda tocava violino para ele, mas as coisas definitivamente mudaram.

Contudo, ela precisava dele. Precisava de falar com ele, contar-lhe que o seu mundo se estava a desmoronar. O mundo deles. Pois os seus mundos estavam interligados pelas suas famílias, quer Angelo o quisesse, quer não.

Ao caminhar ao longo da rua, deu por si a olhar com novos olhos para os edifícios familiares e para as pessoas do seu bairro. Ninguém agia de maneira diferente. Ninguém a fixava ou lhe apontava o dedo gritando *Ebreia!* Judia!

Donna Mirabelli estava a caminhar na sua direção e, quando alcançou Eva, sorriu afetuosamente, cumprimentando-a como sempre fazia. As lojas estavam abertas; a terra não se abrira e engolira toda a Itália. *As leis são disparatadas*, disse Eva para si mesma. Nada mudaria.

Dessa vez, Eva não esperou ao portão por Angelo. Atravessou a *piazza*; passou a fonte em cujo centro a estátua de João Batista se via de pé, os braços esticados, e rodeado de pombas, e transpôs a entrada onde um pequeno sinal anunciava aos visitantes que tinham chegado ao Seminario di San Giovanni Batista. João Batista era o santo padroeiro de Florença, e o nome San Giovanni era comum. A porta ia dar a uma pequena sala onde um padre com ar cansado e pouco cabelo escrevia à máquina numa pequena secretária. Alguns estudantes atravessaram a larga escadaria por detrás dele. Estacaram quando a viram. Aparentemente, visitantes femininas eram pouco usuais. O padre parou de datilografar e olhou para Eva, expetante, retirando os óculos.

— Preciso de ver o Angelo Bianco. Por favor. É um assunto de família.

— Aguarde aqui, *signorina* — disse ele educadamente, pousando os óculos e alisando a batina ao levantar-se. Caminhou rapidamente em direção às portas duplas à sua esquerda, e Eva imaginou se existiria outra escadaria ou se Angelo se encontrava logo depois da porta.

Quando Angelo apareceu, a testa franzida de preocupação, os olhos azuis muito abertos, as mãos estendidas na sua direção — ele já tinha maneirismos de padre —, Eva esforçou-se por sorrir e o pôr à vontade, apesar do desejo de atirar-se para os seus braços. O cabelo estava ordenadamente separado e penteado, domado mas não liso. Ondulava como a superfície do mar na brisa da noite, escura e brilhante. Ela lutou contra a vontade de lhe correr os dedos pelo cabelo,

libertando os caracóis. Em vez disso, agarrou-lhe as mãos e deu consigo a lutar contra as lágrimas.

— Podemos andar um pouco? — perguntou apressadamente.

— Eva? O que é? Diz-me o que se passa. O que aconteceu?

— Estão todos bem. Não é nada. Eu... só... por favor, Angelo. Preciso de falar contigo.

— Dá-me um momento — aquiesceu Angelo, e virou-se, caminhando tão rapidamente quanto o seu coxear lhe permitia. Voltou poucos minutos depois com o chapéu preto de abas largas, típico dos seminaristas, e a bengala à qual tinha desistido de resistir.

— Podes sair assim comigo? — Ela sentia que alguém a iria deter a qualquer momento.

— Tenho 21 anos, Eva. E não sou um prisioneiro. Disse ao padre Sebastiano que precisavam de mim em casa e que estarei de volta pela manhã.

Atravessaram a *piazza* e percorreram a rua, mas Eva não queria ir para casa. Não tão cedo.

— Podemos andar um bocadinho? Passei o dia a ouvir a Fabia a chorar, a estratégia do meu pai e o martelar do Santino. Porque é que ele arranja sempre alguma coisa para martelar quando está preocupado? O tio Felix passou o dia a tocar violino — canções verdadeiramente terríveis — e quando não tocava, andava de um lado para o outro.

— As leis. — Angelo não perguntou. Já sabia.

— Sim. As leis. Não posso frequentar a escola agora, Angelo. Sabias? Devia ter-me inscrito no verão passado, como o meu pai me disse para fazer. Estão a permitir que os judeus já inscritos continuem os seus estudos. Mas eu não estava inscrita. Agora não posso. Não deixam outros judeus inscreverem-se.

— Nossa Senhora — ofegou Angelo, as palavras a assemelharem-se mais a uma praga do que uma súplica. Caminharam em silêncio, ambos perdidos na sua fúria impotente.

— O que farás em vez de frequentares a escola? — perguntou ele finalmente.

— Quero ensinar música. Mas vai haver vários professores judeus à procura de trabalho, agora que não podem ensinar nas escolas normais.

— Podes dar aulas privadas.

— Só a estudantes judeus.

— Bom... já é alguma coisa, não é? — Ele tentou sorrir de modo encorajador. Eva franziu o sobrolho.

— Talvez case com um bom rapaz judeu e tenha alguns bebês judeus e viva no gueto. E talvez fuçamos do nosso país como os Schreibers fugiram da Alemanha, como o meu avô Adler está a ser corrido da Áustria, como o tio Felix está a ser corrido de Itália.

— Do que estás tu a falar? Quem são os Schreibers? — perguntou Angelo, com um inclinar de cabeça.

— Os Schreibers! Não te lembrás? Os judeus alemães que ficaram em nossa casa? — Eva não acreditava que ele se esquecera. Quando Adolf Hitler se tornou chanceler da Alemanha em 1933, as coisas começaram a ficar muito difíceis para os judeus alemães. Surgiram novas leis, como as leis que estavam a ser decretadas nesse momento em Itália.

Eva estacou, o estômago a contorcer-se. Tinham pensado que não poderia acontecer em Itália. Mas agora encontravam-se na mesma posição que os Schreibers. Eram como os refugiados a quem Camillo abriera as portas de casa. Durante dois anos, haviam tido gente na casa de hóspedes. Famílias diferentes. Todos judeus. Todos alemães. E nenhum deles permanecera muito tempo. A *villa* Rosselli era um local para se organizarem antes de poderem ser feitos planos permanentes. Todos os refugiados eram silenciosos e se mantinham nos seus quartos.

Os Schreibers tinham uma filha da idade de Eva e outra um pouco mais velha — Else e Gitta.

Eva pensara que podiam ser todas amigas — ela falava alemão —, mas as raparigas alemãs nunca saíram da casa de hóspedes. Eva queixara-se inicialmente de que bem podiam não ter quaisquer hóspedes. Para ela, ter hóspedes significava animação. Diversão. Camillo explicara-lhe que os refugiados estavam cansados e temerosos e isso nada tinha de divertido para eles.

— Medo de quê? Agora são italianos. — Itália era segura. Os italianos não se interessavam se alguém era judeu.

— Perderam as suas casas, os negócios, os amigos. As suas vidas todas! O Sr. Schreiber nem é judeu.

— Então por que razão teve *ele* de partir?

— Porque a Sra. Schreiber é.

— Ela é austríaca — retorquira Eva, cheia de certezas.

— Ela é judia-austríaca. Como era a mamã. Como o tio Felix. É ilegal segundo as novas leis alemãs que alemães casem com judeus. O Sr. Schreiber ia ser preso mesmo tendo casado com a Anika muito antes de as leis serem introduzidas. Por isso, tiveram de partir.

Os Schreibers foram os primeiros. Mas vieram muitos mais. Um fluxo contínuo, na verdade. Alguns eram mais abertos do que outros, relatando horrores que pareciam impossíveis. O tio Augusto zombara mesmo de algumas das histórias. Em privado, naturalmente, e apenas em conversas com Camillo, cujo cabelo se tornara cada vez mais grisalho durante esses dois anos. O que não podia ser negado era que a maior parte dos refugiados que acolheram, mesmo que apenas por um curto período de tempo, parecia estar em vários estados de choque, e existia uma tensão incômoda sempre presente entre eles, como se a qualquer momento as autoridades locais pudessem aparecer para os deter.

— Não me recordo deles, Eva — disse Angelo suavemente. — Mas lembro-me de termos desconhecidos em casa durante uns tempos.

— Durante dois anos, Angelo! Depois deixaram de aparecer. O *babbo* disse que eles já não podiam sair da Alemanha. — Eva não compreendera realmente o que isso significava. Limitara-se a encolher os ombros, e a vida continuara. Mas não voltaram mais a receber judeus nervosos na *villa*. Até agora. Agora, a sua *villa* estava cheia de judeus nervosos.

Eva contraiu os punhos e parou de andar, precisando de toda a sua força para impedir as lágrimas de cair. Mas elas conseguiram penetrar nos cantos dos olhos e escorrer pelas faces. Virou-se e caminhou cegamente noutra direção, tentando encontrar algum local onde pudessem estar a sós. Angelo seguiu-a, uma sombra silenciosa, o seu passo ligeiramente irregular estranhamente calmante. Eva caminhou sem notar que sabia aonde se dirigia desde o início.

Deu por si no exterior do portão de San Frediano na Viale Ludovico Ariosto, de pé à entrada do antigo cemitério judeu. A mãe não estava ali sepultada. Os seus avós Rosselli também não. O antigo cemitério fechara em 1880, há quase 60 anos, muito antes de eles morrerem.

Os altos ciprestes alinhados no caminho que partia da entrada faziam-na sentir-se segura. Sempre surtiram esse efeito. O pai trouxera-a uma vez ali, há muito tempo, e mostrara-lhe onde os bisavós

maternos estavam sepultados. Eram Nathans, e ele tinha orgulho no nome. Ele explicara-lhe que Nathan era um nome judeu com uma história impressionante. Infelizmente, Eva não se recordava dela. Mas adorava o cemitério e regressara ali sozinha muitas vezes, rumando àquelas lápides macias dos Nathans, de cada uma das vezes desejando perguntar a Camillo mais acerca dos seus antepassados. Mas nunca o fizera. Muito poucas pedras decoravam essas lápides. Sessenta anos era muito tempo para carregar memórias e deixar os seixos no seu lugar.

Hoje não trazia pedras com ela. Não tinha seixos nem pedras bonitas. Não carregava peso nos bolsos, mas carregava-o no coração. As lápides desgastadas pelo tempo recordavam-lhe um conjunto de xadrez desfásado — algumas pedras eram redondas e curvas, outras, altas e ornamentadas, mas a maior parte era baixa e desequilibrada, como antigos peões. Eva gostava de imaginar que a forma das lápides era uma caricatura da pessoa lá sepultada, e tinha orgulho da estatura real do monumento dos seus antepassados. Seguiu o seu caminho para o canto mais afastado, para o pequeno banco que alguém erguera outrora para se sentar junto aos seus entes queridos há muito mortos. Angelo seguiu-a, ainda em silêncio, mas retirou o chapéu, como se usá-lo junto às campas fosse um sacrilégio. Era irónico, pensou ela. Os judeus cobriam as cabeças — o que, para eles, significava estar sob Deus — para rezar e para os rituais religiosos, mas não o partilhou com Angelo.

— Que lugar é este, Eva? — perguntou, sentando-se cautelosamente ao seu lado, as mãos no colo, e o chapéu nas mãos, a bengala encostada ao banco, entre eles. Eva lutou contra a vontade de a deitar ao chão. Estava cansada de coisas que se interpunham entre eles.

— É um antigo cemitério judeu. — Deu um pontapé no tapete de folhas caídas e erva descuidada aos seus pés e levantou uma pequena pedra. Inclinando-se, apanhou-a, limpou a terra da sua superfície, e esfregou-a entre as mãos. Em seguida, ergueu-se e colocou-a na base da mais antiga lápide dos Nathans e voltou a sentar-se ao lado de Angelo. Ele procurou-lhe a mão e virou-a para olhar para a palma.

— Porque fizeste isso? — Angelo puxou pelo lenço e começou suavemente a remover a sujidade das mãos dela. A sua ternura também limpou a fúria de Eva. Os lábios de Eva começaram a tremer e ela desejou encostar a cabeça ao seu ombro e chorar todo o seu medo e confusão.

— Eva? — incentivou ele suavemente, na ausência de resposta. Esta engoliu os sentimentos e tentou falar. A sua voz era baixa, apenas um murmúrio, quando finalmente respondeu.

— A história que o *babbo* me contou é que em tempos antigos não era comum assinalar as campas com lápides ou qualquer tipo de marcação. Os judeus faziam-no, mas era para se impedirem de pisar ou dobrar sobre uma sepultura e profaná-la, ou tornarem-se impuros por causa do corpo sob o chão. Não sei exatamente. É *mitzvah*. — Eva encolheu os ombros, um gesto tipicamente italiano que significava «não sei, mas isso não importa».

— O que é um *mitzvah*?

— Algo, um ato sagrado ou tradição, que eleva o mundano ao divino. — Voltou a encolher os ombros. — Então, antes dos tempos das lápides ou das pedras tumulares, cada pessoa que caminhava até à campa acrescentava uma pedra, amontoando-as, de modo que o monumento permanecia para sempre. Acho que alguém acabou por pensar em acrescentar uma pedra maior com o nome ou a data de nascimento, para que se soubesse quem ali estava enterrado. E agora? Agora fazemo-lo em sinal de lembrança.

— Algo que eleva o mundano a divino — murmurou Angelo. — É bonito. — Achando que as mãos de Eva estavam suficientemente limpas, suavemente pousou-as no seu colo, sempre respeitador e cuidadoso. Eva não queria as suas mãos de volta. Precisava que Angelo lhas agarrasse firmemente, que lhas prendesse com as dele e dissesse que tudo ia correr bem. As emoções avolumaram-se de novo e os seus pensamentos eram tão altos, tão insistentes que ela pressionou uma mão tremente na testa para que não escapassem. Mas a desolação do dia retirara-lhe as defesas, e deu por si a deixar escapar todas as coisas que não dissera.

— Pensava que um dia casaria contigo, Angelo. Sabes isso? Queria casar contigo. Mas isso não pode acontecer, pois não?

Ele sobressaltou-se, mas não respondeu. Ela finalmente obrigou-se a olhar para ele, e os seus olhos azuis fixaram-se nos dela. Havia reconhecimento neles — as suas palavras chocaram-no, mas os seus sentimentos não.

— Isso nunca aconteceria, Eva. Daqui a um ano receberei as Ordens Sagradas, e torno-me padre. Vou ser padre, Eva. O meu caminho está escolhido — disse ele com firmeza, mas havia tensão na



linha dos seus lábios e a mão que ele ergueu até ao rosto dela tremia ligeiramente. Ela distanciou-se com repulsa, enxotando a mão como se fosse uma mosca persistente. Os seus sentimentos continuavam a oscilar entre a ternura e a indignação.

— Não. Não pode acontecer porque eu sou judia. E agora é contra a lei católicos casarem com judeus. É contra a lei eu amar-te, Angelo. Deve ser tão mais fácil para ti agora.

— De que estás a falar, Eva? — Angelo manteve a sua voz neutra, suave, como se estivesse a tentar acalmar uma criança mal-humorada. Mas ela não era uma criança, como Angelo bem sabia.

— Vi a forma como olhas para mim, Angelo. Queres ser padre, mas amas-me.

— Eva! — A palavra atingiu-a como um chicote, e Eva recuou. — Não podes dizer coisas dessas. — Pôs-se de pé abruptamente, agarrando na bengala. — Temos de ir. Vai ficar escuro em breve, e depois de um dia como o de hoje, o teu pai vai interrogar-se onde foste.

Eva ergueu-se, mas ainda não terminara.

— O *babbo* diz que muitos rapazes se tornam padres por pressão familiar. Porque podem estudar, enquanto de outro modo não poderiam. Ele preocupa-se com a possibilidade de teres sido forçado a entrar no seminário porque o teu pai e o teu avô queriam e porque nunca sentiste que tinhas um lar.

— Não foi essa a razão, Eva. Sabes isso. Sabes que ser padre é o que eu desejo.

— Mas tu eras uma criança — a voz dela era hesitante. — Como poderias saber o que isso implicaria?

— Custa muito pouco em relação ao que me oferece. — Os seus olhos eram tão claros, tão, tão inocentes, mas ao mesmo tempo tão orgulhosos, que era tudo o que ela podia fazer para manter o seu olhar. — Deus torna-me forte. Dá-me coragem. Dá-me paz. Dá-me um objetivo na vida. — A sua voz estava cheia de convicção.

— E ele não te pode dar tudo isso a menos que sejas padre? — perguntou Eva tristemente.

— Não. Não, Eva. Não creio que possa. Não da mesma maneira. — Ele estendeu o braço — uma oferta de paz — e Eva deslizou a sua mão nele, deixando que ele a conduzisse para o exterior do cemitério. Foram caminhando entre as campas, e Eva de repente sentiu-se feliz

por se poder apoiar no seu braço. A sua raiva e desespero tinham transbordado, deixando-a fria e fraca, cansada. Ia pondo um pé à frente do outro, qual sonâmbula, até que Angelo voltou a falar.

— Teria sido soldado. Piloto. Se tivesse nascido com as duas pernas sãs, teria sido piloto. Sonho com pilotar um avião desde que sei andar. Talvez seja porque não posso correr como os outros rapazes. Não precisamos de correr se voarmos. Agora, com a guerra no ar e Mussolini a decretar estas leis insanas, fico feliz por ter uma perna aleijada. Estou agradecido por não ter de lançar bombas e lutar por causas nas quais não acredito.

— A Igreja Católica é a única causa em que acreditas?

Angelo suspirou.

— Eva, não compreendo o que me estás a perguntar.

— Acreditas nas pessoas? Acreditas em mim? — A voz dela estava cansada; não queria mesmo discutir. Não mais. Lutar com Angelo era como bater numa parede... Só acabava por se magoar a si mesma.

— Deposito a minha fé em Deus. Não nas pessoas — disse ele suave e obstinadamente, e Eva teve vontade de o esbofetear.

— Mas Deus age através das pessoas. Certo? — insistiu Eva.

Ele não respondeu, mas aguardou que ela continuasse, alternando o seu olhar entre o seu rosto e a rua que percorriam, as sombras alongadas dando-lhes um sentimento de privacidade. Não retirara ainda o braço, e Eva deixava-se conduzir agarrada a ele.

— O meu pai costumava acreditar na Itália. O tio Augusto acreditou mesmo no fascismo. A Fabia acredita no Papa, o Santino acredita em trabalhar arduamente e tu acreditas na Igreja. Sabes no que eu acredito, Angelo? Acredito na minha família. Acredito no meu pai. Acredito no Santino e na Fabia. Acredito em ti. A pessoa que mais amo no mundo. O amor é a única coisa em que acredito.

— Não chores, Eva, por favor — sussurrou Angelo, e a sua voz quebrou-se com angústia. Ela nem tinha reparado que começara a chorar. Levou a mão à face e limpou a humidade que lhe corria pelo rosto.

— Estas leis vão destruir-nos a todos, Angelo. Só vai piorar. Também acredito nisso.

## Em cada vida salva, um pequeno ato de rebelião...

**1933.** Angelo Bianco chega a Florença e é recebido pela família de Eva Rosselli. Os dois crescem juntos, ele católico, ela judia. Com o passar dos anos, a amizade que os une torna-se num amor impossível que desafia as crenças de ambos. Mas Angelo sabe que tem de seguir a sua vocação.

Agora, dez anos depois, Angelo é um padre católico e Eva está em risco de ser deportada, e precisa da sua ajuda. Após a chegada da Gestapo, Angelo esconde Eva num convento, onde muitos judeus estão a ser protegidos pela Igreja. Até que chega o dia em que nem o Vaticano consegue enfrentar os nazis.

Com a guerra e a morte iminentes, Angelo e Eva ajudam aqueles que foram despojados de tudo, colocando as suas vidas em risco todos os dias. E é ao tentar o destino e a sorte, que Angelo enfrenta a decisão mais difícil de todas para proteger a mulher que sempre amou.

## ... em cada luta, um ato de humanidade.

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-19-5



9 789898 917195

Romance Histórico